

/ PALAVRA DO LEITOR

Viaduto dos Açorianos

O Viaduto dos Açorianos, que liga o Centro da Capital à Zona Sul de Porto Alegre, apresentou problemas estruturais (**Jornal do Comércio**, página 22, edição de 11/05/2020). Fez bem a prefeitura em interditar aquela que, antigamente, se chamava de obra de arte viária. Todos os viadutos de Porto Alegre têm que ser monitorados pelo menos uma vez por mês. Já imaginaram um viaduto desabando? Seria uma tragédia. (Elenara Fioravante, Porto Alegre)



Bebeto Alves

Em relação à matéria "Cantor e compositor Bebeto Alves se despede dos discos" (capa do caderno Panorama, **Jornal do Comércio**, edição de 11/05/2020), estarei acompanhando e prestigiando os próximos projetos. Reconheço que há canções do Bebeto Alves que estão tão vivas dentro de mim, ultrapassam barreiras e seguem dando esperança para minha vida, para minha formação, para meu aprendizado. Posso dar um exemplo: eu muitas vezes circulei por Porto Alegre com o disco *Notícia Urgente* e nele havia uma participação especial da cantora Loma. A canção, para mim, além de maravilhosa, também é poética. Gratidão! (Gerson Alves)

IPVA

Paguei, como milhares de gaúchos, o IPVA há semanas, mas, até hoje, não recebi o documento que me permite usar meu automóvel como Uber, pois não tenho o documento. Isso está indo longe demais. Sei que há problemas com a pandemia, mas levar semanas sem entregar um documento em Porto Alegre é muito tempo. Dessa maneira, Detran e Correios estão ajudando no desemprego e na falta de recursos para muitos que trabalham como Uber. (Rogério Bernardes, Porto Alegre)

Prisões

Impressionante a quantidade de prisioneiros trancafiados nas cadeias do Rio Grande do Sul e que continuam comandando o crime em diversas cidades gaúchas, como Porto Alegre e Caxias do Sul. Como eles fazem isso? Provavelmente, ou quase certo, que é com o uso de celulares. E como eles chegam aos presos? Nosso sistema prisional é mesmo uma peneira. (Antunes Freire do Amarante, Porto Alegre)

Futebol

O governo do Estado permitiu a volta dos treinos de futebol à dupla Grenal. Só à dupla? Não sabia que no futebol do Rio Grande do Sul só havia dois times, pois o São José é de 1913 e está bem vivo, jogando inclusive o Campeonato Gaúcho. E os clubes do Interior poderão treinar em Pelotas, Caxias, Novo Hamburgo e outras cidades? Que fanatismo prejudicial ao próprio futebol e à dupla. (José Ary Carvalho)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Sistema prisional: superlotação e Covid-19

Ana Paula Dal Igna

Segundo o último levantamento do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), o Brasil mantinha 773.151 pessoas privadas de liberdade. Para o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), esse número é ainda maior, cerca de 812 mil pessoas, segundo dados apontados pelo Banco Nacional de Monitoramento de Prisões (BNMP). O Brasil está em terceiro lugar no ranking mundial de países que mais prendem, uma posição que não deveria ser motivo de orgulho aos brasileiros. No Rio Grande do Sul, de acordo com o Depen, há registro de 40.887 pessoas privadas de liberdade, o que representa 359,38 pessoas por 100 mil habitantes.

Infelizmente, sabe-se que o mundo foi surpreendido por uma pandemia de coronavírus, que está afetando inúmeros setores, especialmente a saúde e a economia. Frente a tal realidade, é importante que se pense urgentemente em medidas para conter o avanço da doença no sistema prisional, o qual já estava em colapso antes da crise epidêmica.

As prisões no Brasil caracterizam-se por serem espaços superlotados, sujos, com problemas graves no tratamento de esgotos, insuficiência no abastecimento de água, ineficiente acesso a tratamento de saúde, à alimentação digna, entre outros.

Por isso é tão importante inserir na pauta das preocupações o enfrentamento da pandemia no interior do sistema carcerário. Também é impor-

tante que a população seja informada sobre a situação, a fim de que compreenda a necessidade de transpor preconceitos e compreender que se trata de uma questão de saúde pública.

A comunidade científica ainda desconhece alguns aspectos da Covid-19, mas se sabe que é um vírus de fácil transmissão, o que demanda medidas mais restritivas, por isso a aglomeração de pessoas, característica comum em unidades prisionais, bem como a ínfima testagem de presos e agentes penitenciários, acarretarão um verdadeiro massacre.

A eleição de estratégias e a efetivação de medidas alternativas ao encarceramento não poderão mais ser adiadas como o foram até o momento. Será necessária uma profunda conscientização da população e das instituições que atuam no sistema prisional, que passará por ensinamentos que esta pandemia deixará: reconhecimento do valor da vida de cada ser humano, não deixando que se dissemine o discurso de ódio, a seletividade, criando um isolamento muito maior do que aquele que já está sendo imposto.

Defensora pública do
Estado do Rio Grande do Sul

A escolha

Maria Waleska Cruz

Começo este monólogo dialógico com você, leitor, relatando a experiência que estamos vivendo nestes tempos de avanço do coronavírus (Covid-19). Tanto nas mídias oficiais quanto nas sociais, temos assistido a manifestações de apoio e de contestação às ações empreendidas pelas escolas.

A experiência de isolamento social tem sido um grande desafio para todos nós

A experiência de isolamento social tem sido um grande desafio para todos nós, pois estamos precisando aprender a trabalhar e a conviver com as pessoas de outra forma. E essa forte mudança nos gera sentimentos distintos.

Para alguns, a experiência leva à escolha pela alegria e pelo encantamento com a possibilidade do convívio e do auxílio às pessoas. Para outros, há o afloramento da ansiedade e do medo, por verem quebrada a rotina. Esses sentimentos são compreensíveis, porém é importante deixarmos de lado o problema, para nos concentrarmos em realizar algo que gere energia, que estimule uma atitude positiva, que alimente a criatividade

e, por consequência, a sensação de bem-estar. A pandemia não é a doença. A pandemia é o medo de não se saber o que fazer com as pessoas diante dos desafios que estamos enfrentando.

O mundo externo nada mais é do que um reflexo do interno. E a força que precisamos utilizar para superar esse momento está na amorosidade, no equilíbrio e no respeito aos outros e a nós mesmos. Apesar de tudo, a mudança que estamos vivendo é inigualável, pois o afastamento físico aproximou os corações. A lição de compaixão, de ajuda e de presença a que estamos assistindo, a cada dia, carimba o passaporte para um novo tempo de amor, de paz e de benevolência. Nunca mais o contexto será o mesmo, e, em igual medida, nós também não seremos os mesmos que éramos antes da quarentena.

É com este espírito de esperança e de amor que as escolas estão trabalhando e propondo as atividades domiciliares. Para as crianças e os adolescentes, a escola é um símbolo concreto da vida que tinham e que não lhes foi roubada, apenas está sendo reestruturada. Continuar vivendo o espírito escolar é, mesmo que adaptado a um novo contexto, mais do que desejável: é saudável.

Coordenadora Pedagógica Geral
do Colégio Santa Inês